

Brasília ainda não tinha sido inaugurada e já surgiam movimentos de trabalhadores. Em 40 anos, a cidade construiu uma identidade política, hoje dividida ao meio

Reprodução



OS INCANSÁVEIS

Milhares de pioneiros que moravam em invasões espalhadas pela cidade foram levados para longe de Brasília sob falsas promessas. Mas reagiram e criaram os Incansáveis da Ceilândia

Quem sabe faz a hora

Ana Dubeux
Da equipe do Correio

Criança rebelde, mal-iniciada nos primeiros passos, aos quatro anos já estava confinada a uma formação rigorosa numa espécie de internato. Uma governanta que a obrigou a uma infância de silêncio, a uma adolescência de vetos, a uma disciplina de ordem unida. A liberdade — o direito de falar — só começou a ser reivindicada e conquistada na maioridade. Aos 21 anos, com o nariz empinado da juventude e o peito aberto da aventura, Brasília saiu às ruas para mostrar que sua alma rebelde, sua cara de vanguarda, não constavam apenas da certidão de nascimento. Quase balzaquiana, aos 28 anos, alcançou a emancipação.

Não foi fácil chegar à plenitude democrática. Um comício

histórico em 23 de abril de 1981, organizado pela Associação Comercial do Distrito Federal, marcou o início da luta pela autonomia política. Exatos 19 anos depois, pesquisa do Instituto Soma e Opinião mostra que os brasilienses, apesar dos tropeços de governos e parlamentares eleitos, continuam defendendo firmemente o direito do voto.

Nada menos que 84% dos entrevistados, em oito cidades, são favoráveis à eleição para o governo do DF e 70% consideram que os deputados distritais, federais e senadores devem continuar sendo eleitos pelo povo. A pesquisa ouviu 539 moradores. “A pesquisa é representativa para os eleitores de Brasília”, explica Ricardo Penna, diretor do Soma. Essa é a terceira pesquisa sobre autonomia que o Instituto realiza em nove anos e pouco mudou: os resul-

tados são muito semelhantes.

A figura do governador eleito tem o apoio da maioria da população. Os parlamentares não gozam de tanto prestígio, mas aparecem bem. A pesquisa mostra que, quanto maior a escolaridade, maior o apoio à autonomia; quanto mais velho o cidadão, menos confiança no governo e no Legislativo. “Os mais velhos são mais céticos, têm menos confiança nos políticos e um certo saudosismo da época em que o presidente da República indicava o governador”, arremata Penna.

ORDENS DO PALÁCIO

A plenitude democrática de Brasília deu o primeiro passo no comício no qual Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Miguel Arraes e Luiz Inácio Lula da Silva criaram oficialmente o Comitê pelo Voto de Brasília foi interrompido a pedido dos

agentes da repressão. Programado para ser realizado no auditório da Associação, teve de ser transferido às pressas para o estacionamento em frente ao prédio da entidade, no Setor Comercial Sul. O auditório não acomodava a multidão que queria assistir ao debate. Sem ter onde reivindicar seus direitos, os brasilienses vieram na associação o fórum adequado para exercitar, ainda que timidamente, a democracia. Tudo era discutido ali.

O presidente da Associação, Lindberg Cury, — apontado pela esquerda, direita e centro, como símbolo da autonomia política de Brasília — foi chamado a um canto por agentes da repressão. “Ou acaba isso agora ou vamos invadir, são ordens do Planalto!”. Ulysses, último orador, nem teve tempo de concluir seu discurso. Com cães ferozes, a PM acabou com a

feita. O episódio repercutiu no Brasil inteiro. Nascia ali a Carta de Brasília, documento com milhares de assinaturas entregue ao então ministro da Justiça, Petrônio Portela, pedindo eleições em Brasília.

O comício de 1981, que será lembrado na próxima semana em manifestação realizada por deputados de esquerda, não foi a única marca da truculência deixada pelos militares em Brasília.

Por entender que um encontro de advogados de Brasília, em outubro de 1983, foi uma agressão às medidas de emergência decretadas pelo governo, o Comando Militar do Planalto, na figura de Newton Cruz, interditou a sede da Ordem dos Advogados do Brasil. Apreendeu fitas dos pronunciamentos feitos no encontro e instaurou inquérito policial militar. O clima ficou tenso e o presidente

da OAB/DF recorreu-se a ouvir a leitura do laudo e a assiná-lo. Os advogados deixaram a Ordem de braços dados. Se consolida ali a liderança de Maurício Corrêa, hoje ministro do Supremo Tribunal Federal, e ex-senador. “Aquele dia foi um divisor de águas nas vidas de todos nós, candangos”, emocionou-se o ministro.

Na primeira metade de sua vida, a Brasília que se esperava crescer para a democracia plena foi amordaçada. Mas essa senhora de meia-idade, tutelada a maior parte de sua vida por prefeitos e governadores biônicos, torna-se quarentona com muito mais política para contar do que se imagina. Uma sina natural a quem já provocava discórdia na concepção.

A simples idéia de que cresceria em meio ao cerrado do Planalto Central provocou o batismo da ira, uma bênção ao

OS DESBRAVADORES

Turma da boa vontade

Sem ter o que fazer, desempregados saíam às ruas em grupos, com vassouras e baldes na mão, para limpar as cidades. No final da tarde, eles iam na porta das administrações para cobrar o dia de trabalho. Na maioria das vezes, os administradores recorriam à força policial para retirá-los. Alguns, depois de muita insistência, acabavam recebendo uns trocados. A maioria ficava horas na porta da administração batendo panelas para chamar atenção. Muitos foram aproveitados em obras nas

rodovias. O movimento durou dois anos. De 1962 a 1964.

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil

Criado em 1959, meses depois da violenta operação da Guarda Policial da Novacap no acampamento da construtora Fernandes Pacheco que, segundo a versão oficial, resultou na morte de um operário e feriu dezena de outros. Revoltados, peões dos canteiros fundaram o primeiro sindicato de Brasília. À frente do grupo Heitor Silva, Humberto Schetine e Luiz Perseguine. O sindicato

Luiz Marques 6.12.84



liderou campanhas salariais memoráveis como a da equiparação do salário mínimo de Brasília com o do Rio de Janeiro e São Paulo. O mentor do grupo era o advogado José Oscar Pelúcio.

Sindicato dos Bancários

No início de 1960, um grupo liderado por Adelino Cassis, filiado ao Partido Comunista Brasileiro que exercia grande

influência na articulação do movimento sindical do Distrito Federal, fundou o que, por muitos anos, se firmou como o sindicato mais poderoso do Distrito Federal. O sindicato marcou época também na década de 80 com as grandes greves (foto) lideradas por Augusto Carvalho, que se elegeu deputado federal três vezes.

Funcionários da Novacap

Não se pode falar em funcionalismo público em Brasília sem citar o nome de Geraldo Campos. O mais atuante dirigente da Associação dos Funcionários

da Novacap, criada em meados de 1959, lembra com orgulho das conquistas do movimento liderado por pioneiros. Ignorados pelos governos, os operários reagiram e formaram a associação que, muitos anos antes do surgimento do PT em 80, ensinou o bê-á-bá do movimento sindical aos brasilienses.

Quatro em um

De forma lenta, mas com o mesmo entusiasmo quatro outras entidades foram criadas antes do golpe militar de 1964. A dos professores comandada por Fábio Vieira Bruno. A dos Servidores da Fundação Hospitalar,